

GÊNEROS DO DISCURSO ATIVIDADE HUMANA E DIALOGISMO NA INTERAÇÃO VERBAL ESTAÇÃO MIKHAIL BAKHTIN

META

Apresentar as características centrais da noção de Gêneros do discurso trazida por Mikhail Bakhtin

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
especificar os principais pontos da formulação bakhtiniana;
demonstrar a relação entre a língua (gem) e as práticas sociais;
demonstrar a aplicação das bases para o estudo do enunciado.

PRÉ-REQUISITOS

Os fundamentos da pragmática. O conceito de enunciação



Mikhail Bakhtin
(Fonte: <http://persweb.wabash.edu/facstaff/morillos/Images/Paintings/2007.Morillo.S.a.jpg>)

INTRODUÇÃO

Imagine caro (a) aluno (a), se em certa aula o professor finalizasse os trabalhos com o seguinte enunciado:

“OLHA TURMA, PARA AS PRÓXIMAS AULAS, QUERO RECEITAR TRÊS TEXTOS.”

Bem, como vivemos na mesma sociedade e falamos a língua portuguesa do Brasil, penso que estamos de acordo em dois pontos. Primeiro, o professor sabe o que quer e os alunos entendem esse querer: a leitura dos textos. Mas, concordemos também com o fato de existir algo estranho na utilização da língua. A palavra “receitar” parece vinda de um outro lugar, não é mesmo?! E vem! Como sabemos, ela aparece com frequência em atividades farmacêuticas e médicas, significando a ação de “indicar por escrito” os remédios e procedimentos do paciente para o alcance de determinados resultados. Ela aparece ainda em atividades culinárias significando diferentemente, mas de modo semelhante, a indicação da quantidade de ingredientes e a maneira de preparar um prato.

Um texto a ser lido não é dipirona a ser tomada ou, muito menos, um pênis a ser assado! Mas guardadas as diferenças, os três (texto, dipirona e pênis) podem ser indicados como parte de um percurso para o alcance de determinadas finalidades. Por exemplo:

RECEITAR

Princípio	meio	fim
Comprar o remédio na farmácia	Seguir as instruções do médico	Aliviar a dor de cabeça
Comprar ingredientes no mercado	Seguir as instruções do mestre cozinheiro	Comer, alimentar-se, degustar, paladar
Retirar os livros na biblioteca	Seguir as orientações do professor	Compreender intenções, relações, articulações, contradições etc.

As três interpretações de “receitar” têm em comum o percurso para o alcance de determinadas finalidades. Mas, é claro, pertencem a lugares sociais bem diferentes. Pense, por exemplo, em “Prontuário de redação”, “Pronto-socorro da língua portuguesa”, “Oficina de redação”, “Ateliê de redação”.

ATIVIDADES

Faça uma pequena pesquisa a respeito dos conceitos de homonímia, sinonímia e polissemia. São fundamentais para o estudo do discurso. Use dicionários gerais e especializados.



GÊNEROS DO DISCURSO

Como vemos, no quadro, há semelhanças entre os percursos e é por reconhecermos essas semelhanças que é possível o professor dizer: “quero receitar três textos”. Por outro lado, apesar da nossa compreensão, “receitar textos” é uma coisa estranha. É ou não é?! Pois é justamente o jogo entre semelhanças e estranhezas entre o que dizemos e o que fazemos que nos leva ao centro dos estudos dos Gêneros do Discurso particularmente introduzido por Mikhail Bakhtin.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin

(linguista Russo, 1895 - 1975). “Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, sociolinguística, análise do discurso e semiótica. Bakhtin é na verdade um filósofo da linguagem e sua linguística é considerada uma “trans-linguística” porque ela ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extra-linguísticos como contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc. A pretensão exprimida por ele em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é dotar a teoria marxista de uma formulação coerente em relação à ideologia e à psicologia, superando em simultâneo o objetivismo abstrato ou positivista e o subjetivismo idealista. Para tal, descobre no signo linguístico um signo social e ideológico, que põe em relação a consciência individual com a interação social. O pensamento individual não cria ideologia, é a ideologia que cria pensamento individual. Literalmente, afirma que “Uma das tarefas mais essenciais e urgentes do marxismo é constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva. No entanto, seus fundamentos não devem ser nem fisiológicos nem biológicos, mas sociológicos. Apesar de ter sido escrita no fim da década de 20, a obra mantém uma actualidade espantosa e faz parte dos fundamentos da mais atual teoria textual e semiótica. De caráter interdisciplinar, abre portas para uma nova interpretação do signo, da linguagem, da comunicação e da ideologia, de base social e material mas não mecânica nem positivista. Aplica o materialismo dialético ao campo da linguística de maneira fértil e original ... Para ele ‘a palavra é o signo ideológico por excelência’ e também ‘uma ponte entre mim e o outro’” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin).

Em seu *Estética da Criação verbal* (1997), o autor traz a seguinte definição de gêneros do discurso:

“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” BAKHTIN, M. *Estética da Criação verbal*. São Paulo, SP, Martins Fontes, 1997, p. 279.

Como vemos, Bakhtin propõe que o estudioso do discurso preste atenção a dois pontos:

ATIVIDADES HUMANAS

1. A relação:

Esferas da comunicação

2. O enunciado: Conteúdo temático
 Estilo verbal
 Construção composicional

Em resumo, tudo o que falamos tem a ver com o que fazemos, com nossas práticas sociais. É por isso que se um professor falar em “receitar textos”, podemos estranhar justamente porque “receitar” está marcado por especificidades de outras atividades humanas, pertence a outras esferas da comunicação. Esse “receitar textos” não está fora do lugar sozinho.

Pelo mesmo motivo, também podemos estranhar se o tal professor faz à classe uma pergunta sobre o texto lido e como ninguém responde, ele diz “dou-lhe uma, dou-lhe duas...”. Estranhamos porque o enunciado vem de outra atividade humana: o leilão. É como se o enunciado estivesse fora de lugar.

Como são variadas as nossas atividades, variadas são também as esferas da comunicação. Mas, veja que é possível identificar os lugares dos enunciados. Isso acontece porque eles constituem, como diz Bakhtin, “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Por outro lado, também ajuda ao estudioso do discurso um terceiro ponto ao qual se deve prestar bastante atenção. Para Bakhtin, há dois grandes gêneros do discurso:

Primário (simples – comunicação espontânea, vida cotidiana)

3. Gêneros:

Secundário (complexo – cultura mais evoluída, principalmente, escrita)

Parece que o trabalho não é fácil! Mas não é Bakhtin quem dificulta. Nós humanos somos mesmo muito complicados, mas interessantes!

Se vamos estudar um gênero do discurso ou, ao menos, queremos delinear-lo, precisamos pensar a respeito do par atividade humana/ esfera da comunicação a partir de um enunciado, ou um conjunto deles. Um primeiro passo é interrogar as suas partes constitutivas com perguntas empíricas: o quê? Quem? Onde? Quando? Vejamos o seguinte enunciado:

“É velho, mas está pago!”

A ESFERA DA COMUNICAÇÃO

Pensemos um pouco a respeito das atividades humanas que produzem dizeres para desconhecidos, para o público em geral, em lugares específicos. São dizeres em camisetas, faixas e em adesivos afixados em vidros de automóveis, caminhões, etc., como é o caso desse “É velho, mas está pago”. Estamos então em uma esfera da comunicação onde o enunciado aparece.

O CONTEÚDO

O conteúdo temático do enunciado aparece em duas oposições:

- a) O velho e o novo: a sociedade de consumo, a circulação de mercadorias: compramos mercadorias novas, descartamos as velhas.
- b) O pago e o não pago: o capitalismo financeiro, a diferença na condição de posse de uma mercadoria.

O ESTILO

Sobre o estilo verbal, a seleção dos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais - nos mostra que apesar de escrito em um adesivo, ele guarda marcas de uma oralidade da vida cotidiana: “é velho, mas [es]tá pago!”. É preciso, portanto, reconhecer que o enunciado pertence ao gênero primário. É uma comunicação simples, espontânea, popular, oral, apesar de vir escrita.



ATIVIDADES

Procure fazer uma pequena pesquisa sobre as diferenças entre a escrita e a oralidade. Há vasta bibliografia sobre o assunto, artigos especializados disponíveis na Internet. Faça também um pequeno levantamento de como essas noções são caracterizadas em livros didáticos. Algumas oposições ajudam bastante a especificar a interface oralidade/escrita: as relações com o contexto não-verbal, etc. No Brasil, com uma orientação teórica cognitivista em que pesa a intenção comunicativa temos, por exemplo, os trabalhos de Marcuschi (2001) Olson (1997), Sampsom (1996) e Catach (1996). Do ponto de vista histórico, traduzidos no Brasil, temos Roland Barthes (1953) temos os trabalhos de Havelock (1996) e Auroux (1992; 1998).

A CONSTRUÇÃO

A construção composicional do “É velho, mas tá pago” traz ao menos duas questões importantes:

- a) O enunciado conta com o fato de referir a uma coisa do mundo, no caso, o carro velho. Quer dizer, quando lemos o escrito no adesivo sabemos que é a respeito do carro que se fala. Mas como vemos muito esse enunciado por aí, mesmo fora da situação de comunicação, lembramos que é a respeito de automóveis que ele está falando.
- b) O enunciado é resposta a uma afirmação de outro locutor que não aparece. Nesse caso é então, em parte, uma confirmação de algo dito anteriormente, por exemplo: “Que carro velho, hein?” e, claro, a resposta é “É velho, mas tá pago!”.

O conteúdo, o estilo e a construção estão intimamente relacionados. Essa construção adversativa, digamos, argumenta a posição do sujeito (aquele que possui carro velho) e aponta para a divisão social pelo consumo. Por outro lado esse conteúdo sério, próprio de tratados das ciências

sócio-econômicas é inseparável de seu estilo despojado, brincalhão e bem humorado, muito próprio das relações sociais em que vive o brasileiro. Zombar da própria desgraça também argumenta a posição do sujeito, mas de outro modo. Há um implícito psicológico do enunciado, uma estratégia que antecipa o dizer do outro: “eu mesmo me ridicularizo, antes que o outro o faça”. Uma espécie de “eu sei que estou errado, mas veja que você também está”; “o meu carro é velho, mas é meu, o seu é novo, mas [ainda] não é seu!”.

Afinal, quem está falando tudo isso? Onde, quando e quem está falando? Quem é o locutor/autor do enunciado? O que Bakhtin nos diz é que estamos diante do sujeito construído na interação verbal, o chamado dialogismo: relações que todo enunciado mantém com outros produzidos anteriormente e outros ainda que serão produzidos no futuro.

LINGUAGEM, SOCIEDADE E SUJEITO

Bakhtin prefere compreender a linguagem para além do instante empírico da circunstância em que o leitor passa o olhar sobre as letras no adesivo. Para ele, é preciso considerar a linguagem no tempo histórico, e a sociedade como o lugar presente nos enunciados. Por isso, a noção de enunciação em Bakhtin extrapola as dimensões da situação de comunicação, da abordagem pragmática em sentido mais estrito.

Então devemos pensar o “É velho, mas tá pago” a partir de dimensões mais amplas. Devemos pensar sobre os locutores no enunciado, sobre o autor do enunciado. O autor é o dono do carro que afixou o adesivo? Ou é o dono da oficina que dá adesivos de brinde para agradar aos seus clientes? Ou, ainda, é o fabricante desses brindes? A quem está sendo dada a resposta: “É velho, mas tá pago?”. É claro que estamos diante de uma “autoria partilhada” e, nesse caso, devemos pensar não apenas sobre esse tipo de enunciado, mas a linguagem como um todo em uma dimensão mais ampla, a dimensão dialógico-social. Finalizamos então esse nosso percurso com as palavras dos mestres, Bakhtin e Volochinov, sobre esse ponto: “o diálogo – a troca de palavras – é a forma mais natural da linguagem. Mais ainda: os enunciados longamente desenvolvidos, ainda que eles emanem de um interlocutor único - por exemplo, o discurso de um orador, o curso de um professor, o monólogo de um ator, as reflexões em voz alta de um homem só – são monológicos somente em sua forma exterior, mas, em sua estrutura interna, semântica e estilística, eles são, com efeito, essencialmente dialógicos” (VOLOCHINOV, 1981, p. 292). Assim compreendida, “a orientação dialógica é, bem entendido, um fenômeno característico de todo discurso [...]. Em todos os caminhos que levam a seu objeto, o discurso encontra o discurso de outrem e estabelece com ele interação viva e intensa. Somente o Adão mítico abordando com

o primeiro discurso um mundo virgem e ainda não dito, o solitário Adão poderia verdadeiramente evitar absolutamente essa reorientação mútua em relação ao discurso do outrem, que se produz no percurso do objeto” (Bakhtin, em Todorov, 1981: 98, apud. Dicionário de Análise do Discurso - CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004).

“dialogismo – conceito emprestado, pela análise de discurso, ao Círculo de Bakhtin e que se refere às relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente, bem como os enunciados futuros que poderão os destinatários produzirem. Mas o termo é “carregado de uma pluralidade de sentidos muitas vezes embaraçantes”, não somente – conforme afirma Todorov (1981: 95) – nos escritos do círculo de Bakhtin. Mas, igualmente, devido às diferentes maneiras como ele foi compreendido e retrabalhado por outros pesquisadores”. (DAD, p. 160).

CONCLUSÃO

O percurso proposto por Bakhtin nos leva a questões bastante interessantes sobre linguagem, sobre sociedade. As teorias bakhtinianas têm larga aplicação nos estudos da linguagem, sejam linguísticos, sejam literários etc. Elas têm grande aceitação junto aos estudos da linguagem. Basta observar sua entrada em programas de pós-graduação, congressos etc. e toda a vasta produção de trabalhos daí decorrentes. Mas interessa particularmente o fato de que tais teorias fundamentam referências para o ensino (as propostas dos PCN, 1997). O que temos visto é a noção de “Gêneros do discurso” avançar como referência no ensino, ou seja, a noção é aplicada ao ensino. A proposta é que os textos sejam lidos e escritos a partir do princípio da prática social.



RESUMO

Vimos nessa aula 5 que a concepção bakhtiniana nos diz que a língua tem uma relação direta com as esferas da comunicação onde aparecem. Para estudar o enunciado devemos considerar o grande gênero (primário ou secundário) onde esse enunciado aparece, devemos observar seu conteúdo, sua construção e seu estilo que são inseparáveis. Todo esse percurso pode nos dizer muito da dimensão social e histórica em que vivemos. Vimos que as palavras circulam entre diferentes esferas da comunicação. Elas podem frequentar assiduamente determinado lugar, mas têm a liberdade de ir a outros. Elas podem pertencer historicamente a uma determinada esfera da comunicação e, aos poucos, irem ocupando espaço em outros lugares e em um dado momento, elas já pertencem àquela esfera. Os trabalhos orientados por essa concepção, sem dúvida, vão em direção ao domínio do sujeito para além dos domínios do psicologismo da abor-

dagem pragmática que vimos na aula anterior. A abordagem bakhtiniana toca o sujeito em sua dimensão social e histórica. Isso é o que basicamente a diferencia das demais pragmáticas. Seu conceito de enunciação extrapola os limites do individual e passa a operar fortemente com o conceito de ideologia para o qual reservamos a aula na próxima unidade. Se na aula 4, aprendemos que o estudo das relações entre enunciados pode nos colocar diante de sentidos que não se aplicam a indivíduos, mas a sujeitos sociais, agora sabemos que esse sujeito é sempre construído dialogicamente na interação verbal.

ATIVIDADES

Lembro-me muito bem quando eu era uma criança, um dia desses, na primeira metade dos anos de 1970. Um vizinho esnobe comprou dois carros, fuscas recém lançados (ficou apelidado de “Fafá de Belém”, por conta de suas avantajadas lanternas lembrarem os seios da cantora paraense, mas isso não vem ao caso). O homem afixou um adesivo em cada um dos carros com o seguinte enunciado:

“A inveja é a arma dos incompetentes”

Esboce uma análise desse enunciado procurando relacioná-lo ao nosso “É velho, mas tá pago!”. Talvez você se sinta estimulada(o) a ler trabalhos disponíveis na internet sobre esses enunciados. Talvez você mesma(o) possa fazer um artigo sobre o assunto. Que tal?

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. **Filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP; Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRAIT, B. Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP; Ed. da Unicamp, 1997.
- HAVELOCK, E. A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. São Paulo, Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

